

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**UM BREVE ESTUDO SOBRE OS MICROFUNDAMENTOS ECONÔMICOS
PROPOSTOS POR SIMON E HAYEK**

Adriana Sbicca Fernandes

O Pensamento de Hayek e Simon-

Para Hayek e Simon a análise de equilíbrio comumente utilizada na economia não traz microfundamentos econômicos compatíveis com a compreensão do mundo real. É verdade que esta teoria denominada de clássica não se esforça por esclarecer os pressupostos do comportamento do agente econômico que ela adota, mas é possível tentar desvendar este "mistério", o que os autores analisados fazem em seus textos. Este trabalho se propõe a unir alguns estudos de Simon e Hayek¹ para se chegar aos microfundamentos do comportamento do agente econômico e as implicações destes tanto no âmbito micro como macroeconômico. Rizzello (1997, p.98) acredita que encontrar os microfundamentos do comportamento econômico é um caminho mais promissor para a economia heterodoxa, já que seria uma forma mais sistemática de fazê-lo. Para ele, a heterodoxia tem se mantido através de evidências empíricas. Isto é realizado pela construção de modelos de escolha para focalizar o lado da demanda e teorias de falha de mercado para a compreensão do âmbito da oferta. Seguindo esta linha são citados Simon e seu *approch* do *satisficing* e a estrutura institucional tratando ambos da demanda. Para a oferta pode ser citado March e Simon focando o processo de organização e aprendizagem da firma e os mecanismos de troca tecnológica de David e Antonelli.

Para alcançar o objetivo de tratar do *path dependence*, Rizzello procura os microfundamentos que dão base a este conceito. Neste sentido, ele chama a atenção para a natureza psicológica destes microfundamentos enfocando principalmente dois aspectos: a racionalidade individual e os processos de aquisição do conhecimento (idem, p.99). Assim, para tratar da dimensão psicológica do agente econômico, Rizzello une o tratamento que Hayek dá à experiência e o enfoque de Simon nos processos de resolução de problemas e nos mecanismos subjetivos de aquisição de conhecimento. Estes autores evitam tratar dos processos de tomada de decisões como uma simples convergência de opiniões através da experiência que levaria a um resultado maximizador. Hayek arduamente critica o estudo dos atos humanos em situação de conhecimento perfeito e sem custos e Simon chama a atenção para o caráter pessoal das ações que provoca reações diferentes de pessoa para pessoa.

Críticas à Análise do Equilíbrio

Questões fundamentais para Hayek e Simon não são consideradas na análise do equilíbrio e estes são elementos de suma importância para se compreender o pensamento dos autores. Em realidade é comum que autores ao tentarem um *approch* mais heterodoxo na economia iniciem com a crítica ao modelo ortodoxo, Hayek e Simon também fazem isto e têm como foco principal a tendência ao equilíbrio econômico. A primeira grande crítica é realizada quanto às condições em que é suposto

¹ Os textos pesquisados foram "Economics and Knowledge" e "The use of knowledge in society" de Hayek. De Simon "Theories of decision-making in economics and behavioral science" e o livro **Comportamento Administrativo**.

que a tendência ao equilíbrio acontece (ou as limitações à aplicação da teoria do equilíbrio).

Para Hayek, a análise de equilíbrio baseia-se em tautologias, ou seja, proposições que são necessariamente verdades por serem transformações das hipóteses originais. Para ele, a análise de equilíbrio tem significado quando aplicada ao estudo de um indivíduo e não à interação entre as pessoas, ou seja, quando o objeto não abrangia a dinâmica econômica e é observado como atemporal (Hayek, 1937, p. 36). Também Simon aceita a teoria clássica em situações específicas, segundo ele, quando não estão envolvidos problemas centrais de conflito e dinâmica (Simon, 1959, p. 254). Mas o fato é que estas limitações quanto à aplicação da teoria não são respeitadas e nem esclarecidas. A análise de equilíbrio, contrariando estas recomendações metodológicas, se propõe a incorporar a inter-relação pessoal, utilizando dados referentes a uma pessoa em questão, seus gostos e como as coisas são conhecidas, adotando-os como tendo um sentido objetivo. Deste modo, a economia faz a descrição e adoção de um tipo ideal: as pessoas equalizarão os retornos marginais de algum fator em seus diferentes usos, por exemplo. É utilizada a hipótese de que as informações, na forma de estruturas de demanda representando gostos individuais ou fatos técnicos, serão igualmente dadas para todos os indivíduos. Aqui cabe uma distinção, colocada por Hayek: a utilização do tipo ideal ocorre de maneira diferenciada por sociólogos e economistas. Na sociologia sua adoção representa tipos ideais particulares, enquanto na economia o motivo seria a tentativa de generalizar o comportamento. Neste mesmo sentido, Simon (1959, p. 253-254) afirma que a economia pode ser definida como a ciência que descreve o comportamento de muitos tipos de homens econômicos (ou os tipos ideais tratados por Hayek). A consistência do argumento acima descrito provém de sua validade *a priori* (Hayek, 1937, p.37). A economia clássica é dedutiva e não requer quase nenhum contato com dados empíricos uma vez que suas hipóteses são aceitas (Simon, 1959, p. 254). Estes são aspectos importantes que têm sido relevados na literatura econômica, a qual tem como principal foco suas dimensões micro e macroeconômica e ocorre o esquecimento de se compreender a teoria em suas intenções descritivas ou normativas. Usualmente a microeconomia é trabalhada de maneira mais normativa (como o homem deveria se comportar) sem considerar que o entendimento do comportamento humano através de uma microeconomia descritiva (como o homem se comporta) daria base para o âmbito macroeconômico.

O questionamento hayekiano se refere à proposta clássica de que existe de um contrabalanço entre as ações de diferentes indivíduos. A interdependência destas ações é compreendida de modo que as ações dos indivíduos não alteram a tendência ao equilíbrio porque um desvio desta meta que eventualmente ocorra é sempre anulado por outro desvio que ocorrerá de maneira oposta ao primeiro, anulando-o. Ou seja, a teoria clássica admite que existem desvios do equilíbrio no âmbito microeconômico, mas afirma que a agregação, ou o nível macroeconômico, anula tais desvios e mantém a tendência ao equilíbrio. De maneira irônica é construída a questão: existiria um plano preconcebido, o qual seria seguido por todas as ações dos indivíduos? Apenas desta maneira poderíamos sustentar a existência do equilíbrio como conceituado usualmente na economia: uma tendência a um estado de equilíbrio, ou um equilíbrio admitido imediatamente como característico das ações de diferentes pessoas. Dessa forma, poderíamos não levar em conta eventos externos que alterassem seu percurso ou geração de fatores endógenos relevantes. Uma alternativa seria pensar em vários planos,

cujas realizações fossem compatíveis a ponto de serem concebíveis. Para tanto, os planos seriam gerados simultaneamente com igualdade de expectativas. Ou seja, o plano de uma pessoa deve conter exatamente as ações que formam os dados para os planos dos outros (Hayek, 1937, p. 37-38). É possível observar neste ponto uma idéia bastante utilizada de “previsão correta” advinda de uma racionalidade humana. Esta noção, para Hayek, é necessária para a aceitação do estado de equilíbrio (Hayek, 1937, p. 43). A previsão correta, continua o autor, é possível apenas com a antecipação do que é relevante para as decisões dos indivíduos. Cabe um aprofundamento desta questão. Hayek argumenta que a teoria econômica tradicional entende o homem econômico como onisciente. Neste sentido, cria-se uma igualdade entre subjetividade e objetividade. Ou seja, os princípios que norteiam o comportamento de um indivíduo pode ser aceito como guiando todas as demais pessoas. Aqui pode-se incorporar o tipo ideal de maneira generalizada. Também as ações individuais podem ser analisadas sob parâmetros objetivos sem que as diferenças entre os sujeitos (suas diferentes experiências e histórias), isto é a subjetividade, seja relevante. Ao fazerem a suposição de uma tendência ao equilíbrio, os economistas cessam um exercício de lógica pura para iniciar um de ciência empírica. De fato, o empirismo se dá nas condições de que o conhecimento e intenções dos diferentes membros da sociedade mais e mais entram num acordo ou, em outras palavras, as expectativas tornam-se cada vez mais corretas (não há expectativas diferenciadas para os indivíduos como se esperaria ao aceitar a subjetividade). Entretanto, a proposta de uma tendência ao equilíbrio, continua o autor, é uma proposição empírica ao referir-se ao mundo real e quando for passível de verificação. Mas metodologicamente, a Lógica Pura é afetada quando, o axioma da racionalidade (como contrária ao instintivo) é admitido como universalmente aplicável na análise de equilíbrio (Hayek, 1937, p. 45-46). Em realidade, esta racionalidade pode se referir a um tipo de ação humana, sem contudo poder ser generalizada. Assim, ela pode ser observada em testes empíricos simples como apostas em loteria com pouca quantidade de dinheiro. No entanto, se a situação se torna mais complexa - ou as escolhas mais "realistas" -se aproximando da vida real- a adoção da maximização não pode ser feita (Simon, 1959, p.258). A delimitação do campo de ação da suposição de racionalidade maximizadora não é bem construída e faz-se uma generalização do particular (numa extensão do que Hayek apontou quanto ao uso do tipo ideal em economia). A explicação do processo decisório é conseguida e testada empiricamente, mas sem o esclarecimento de que apenas é válida para situações específicas com aplicações bastante limitadas.

Como o Conhecimento É Alterado

A racionalidade também é um tema assumido como central para Simon. Ele propõe uma maior abrangência na definição de comportamento racional assumindo que não apenas a maximização deva ser vista como um comportamento coerente. Também devem ser incorporadas idéias de que as metas são ajustáveis ao desenrolar da realização da atividade e que a meta pode não ser a maximização, mas a satisfação (lucros e níveis de venda satisfatórios e não máximos), o que envolve níveis de satisfação diferentes e flexíveis. Deste modo, o comportamento pode ser analisado como consistente, mesmo quando não corresponde ao axioma de Neumann e Morgenstern (a busca da maximização do valor esperado da utilidade). Para Simon,

talvez a única maneira de empregar o vocábulo "racional" de maneira não ambígua seja com os advérbios apropriados. "Dessa maneira, uma decisão pode ser chamada 'objetivamente' racional se representa *de fato* o comportamento correto para maximizar certos valores numa dada situação. É 'subjetivamente' racional se maximiza a realização com referência ao conhecimento real do assunto. É 'conscientemente' racional na medida em que o ajustamento dos meios aos fins visados constitui um processo consciente. É 'deliberadamente' racional na medida em que a adequação dos meios aos fins tenha sido deliberadamente provocada(...). Uma decisão é "organizativamente" racional se for orientada no sentido dos objetivos da organização; é "pessoalmente" racional se visar os objetivos do indivíduo" (Simon, 1965, p. 90-1)-grifo do autor. A importância do advérbio destrói a noção usualmente empregada na economia tradicional de racionalidade substantiva, como única construção lógica aceitável em determinada situação, sendo qualquer outra alternativa ilógica e irracional.

Simon e Hayek fazem mais que criticar a teoria tradicional. Apresentam novas suposições para o comportamento microeconômico e, como conseqüência, propõem uma nova direção e compreensão dos fenômenos macroeconômicos e da ciência econômica como um todo.

Como se viu, a ordem econômica racional não se limita a um problema de lógica. Determinar os pressupostos do comportamento econômico é uma tarefa que envolve várias disciplinas como psicologia, sociologia e economia, além de ser um problema que a sociedade enfrenta.

Os indivíduos não possuem todas as informações relacionadas às suas ações, mas possuem parcelas do conhecimento as quais se inter-relacionam na sociedade de maneira bastante relevante para a análise econômica. "Uma característica peculiar do problema da ordem econômica racional é determinado precisamente pelo fato de que o conhecimento das circunstâncias do qual nós devemos fazer uso nunca existe de forma integrada ou concentrada, mas somente como os pedaços dispersos de conhecimento incompleto e freqüentemente contraditório, os quais todos os distintos indivíduos possuem" (Hayek, 1945, p.519). Assim, o problema não pode ser resolvido por uma mente simples já que não é apenas uma questão de alocar recursos através de dados existentes e disponíveis. Este equívoco tem sua origem na transferência errônea para os fenômenos sociais dos hábitos de pensamento que temos desenvolvido no tratamento dos fenômenos da natureza. Simon também argumenta nesta direção. Segundo ele, o tomador de decisão apreende apenas parte de seu meio e processa apenas uma fração do que é apreendido. O indivíduo que vai tomar decisão estrangula seu meio "real" através de seu aparato de percepção e apreende apenas parcela pequena de informações. Ainda a apreensão ocorre com o sistema nervoso central fazendo um processamento com o surgimento de mais omissões sobre as informações que lhe chegam. Simon argumenta que é um erro dizer que a percepção ocorre como um filtro pois isto implica que o que é trazido para dentro do sistema nervoso central é realmente um pedaço igual ao que está lá fora. De fato, o filtro não é apenas uma seleção passiva de alguma parte do todo apresentado, mas um processo ativo envolvendo atenção de muitas partes pequenas do todo e exclusão, desde o início, de quase tudo que não é do escopo de atenção (Simon, 1959, p.273). Até este momento estamos nos referindo a uma capacidade computacional limitada. No entanto, a semelhança com um computador desaparece quando o cérebro realiza distorções e gera inferências. A cognição humana não ocorre como instruções que são passadas a um computador, do tipo estímulo-resposta, porque há uma

complementação realizada pelo próprio indivíduo. Neste sentido, é um erro afirmar que a percepção é um filtro passivo que apreende um pedaço do que está fora. Sua função é ativa envolvendo atenção a partes pequenas do todo e exclusão daquilo que é entendido como fora do escopo de atenção. Assim, sistema nervoso central de cada indivíduo apreende e processa de maneira diferente uma mesma situação. Aqui está a essência da subjetividade, o que torna bastante frágil o argumento da utilização generalizada de tipos ideais maximizadores.

Simon afirma que "a teoria clássica é uma teoria de um homem escolhendo entre alternativas fixas e conhecidas, para cada uma delas são conhecidas suas conseqüências. Mas quando percepção e cognição intervém entre o tomador de decisão e seu meio objetivo, este modelo está longe de se mostrar adequado. Nós precisamos de uma descrição do processo de escolha que reconheça que alternativas não são dadas, mas devem ser buscadas, e que envolva a tarefa árdua de determinar quais conseqüências se seguirão a cada alternativa" (Simon, 1959, p.272). "Mas a vida real envolve mais que metas e valores, alguns fatos sobre o meio e inferências realizadas a partir dos valores e fatos. Há valores simples e complexos, consistentes e contraditórios, ainda fatos reais ou supostos, baseados na observação ou no que outros relataram, e mais, as inferências podem ser válidas ou espúrias" (Simon, 1959, p.273). Assim, há regras totalmente diferentes para o raciocínio lógico e a tomada de decisão. Isto porque são totalmente diferentes as premissas sobre o que é "válido" das inferências admitidas. Novamente temos argumentos que destróem a sustentação de uma racionalidade substantiva como lógica única como a aceitação de que apenas maximizar é racional.

Disto concluiu-se que o processo de aquisição, seleção e interpretação da informação, ou seja, a cognição do homem, deve ser melhor apreendida mesmo porque o indivíduo omite e distorce este "real", surgindo a percepção e a inferência (Simon, 1959, p. 272). Este é um ponto central para os autores.

Ao ampliar o conceito de racionalidade, como demonstrado anteriormente, deve-se focar a relação entre subjetividade e objetividade na economia tradicional. Na análise de equilíbrio por exemplo, os dados subjetivos e objetivos são observados como equivalentes. Assim, o que o homem tem de conhecimento corresponde à realidade e não existe distinção de interpretação de pessoa para pessoa (ou seja, a subjetividade). Aqui encontramos o conceito mais tradicional de racionalidade como sendo a única construção lógica capaz de ser feita a partir de certos dados. Nesta direção ocorre uma grande simplificação do modelo que tenta padronizar comportamentos econômicos. Ao aceitar a construção lógica única torna o problema bastante simples. O erro é cometido em duas direções na economia tradicional: conceber o acesso completo ao conhecimento e padronizar a apreensão e interpretação destes dados. Neste sentido, Simon afirma que o termo "aproximação" implicaria que o mundo objetivo do tomador de decisão está próximo do meio externo, mas falta, talvez, muita fineza de detalhes. De fato, o mundo percebido é fantásticamente diferente do mundo "real". As diferenças envolvem omissões e distorções e surgem a percepção e a inferência. "O modelo do tomador de decisão envolve apenas uma fração pequena de todas as características relevantes do meio real e suas inferências extraem apenas uma pequena fração de toda a informação que está presente no modelo" (Simon, 1959, p.272). Ainda há o fator tempo, ou seja, mesmo que percepções e inferências realizadas num momento levem a uma decisão "a atenção muda de um valor para outro, mudando conseqüentemente as preferências." (Simon, 1965, p.98). assim, não poderíamos chamar de racional apenas as

preferências padronizadas que relacionam preços e níveis de utilidade de maneira inversa, como usualmente é feito pela microeconomia clássica.

Quanto à relação entre objetividade e subjetividade, Hayek aponta uma confusão quanto ao conceito de "dado" interessante para este enfoque. "Dado" pode ser compreendido como todos e apenas os fatos que estiverem presentes na mente da pessoa que realiza a ação, a qual é um entendimento subjetivo. Mas também pode ser utilizado como os economistas usualmente fazem, referente aos fatos reais objetivos. Além da importância de se incorporar tal distinção na análise do comportamento econômico, ainda é fundamental um maior aprofundamento no sentido de desvendar as relações entre a subjetividade e a objetividade. A compreensão da realidade parte do mundo real e, então, as expectativas nascem de fatos reais? Na teoria tradicional, na qual é assumido que o indivíduo possui as informações relevantes não é admitido que a relevância é subjetiva, pois o sistema de preferências que é assumido como dado, perderia sua sustentação. Se a existência de subjetividade é assumida, as interpretações dos dados objetivos são diferenciadas e não se poderia padronizar as preferências e as escolhas do homem. Como consequência há a incompatibilidade com a generalização simplista de comportamento comumente realizada pela economia tradicional. Há, portanto, necessidade de se compreender como o processo decisório ocorre. Hayek e Simon apontam importantes microfundamentos para tanto. Outros autores se utilizam da observação empírica para apreender um pouco mais do comportamento humano são exemplos... Estes autores mostram caminhos que podem ser tomados para o tratamento de problemas microeconômicos e que incorporam os microfundamentos propostos por Simon e Hayek.

A relevância do processo de transferência de informações

Assumindo que os princípios que guiam o comportamento do indivíduo não podem ser generalizados e que a subjetividade e o processo cognitivo são fundamentais para a compreensão das decisões humanas então a interação entre os agentes econômicos deve ser desvendada. Dado que o conhecimento que cada pessoa tem é diferente, torna-se importante a inter-relação destas parcelas de conhecimento na sociedade e é primordial o estudo de como ocorre a transferência da informação. Hayek analisa a difusão do conhecimento através do planejamento. Segundo ele, toda atividade econômica é, de certa maneira, planejada (Hayek, 1945, p.520). Mas o planejador, num primeiro momento, não apresenta todo o conhecimento. As informações são transferidas a ele e a maneira como isso ocorre é muito relevante, senão crucial, para a teoria explicativa do processo econômico. A importância da transferência de informação é tamanha que a questão da estrutura de um sistema econômico eficiente envolve este assunto. Alfred Whitehead já disse "é um truísmo profundamente errado, repetido em livros e por eminentes pessoas quando falam, que nós devemos cultivar o hábito de pensar sobre o que nós estamos fazendo. Precisamente o oposto é verdadeiro. A civilização avança por estender um número importante de operações que nós podemos fazer sem pensar sobre elas" (Hayek, 1945, p.528).

Hayek apresenta a questão de como a combinação de fragmentos de conhecimento existentes em diferentes mentes pode gerar resultados que só ocorreriam se fossem pensados deliberadamente e requereriam o conhecimento de uma pessoa dirigente. Como ações espontâneas de indivíduos sob determinadas condições podem

trazer uma distribuição de recursos que pode ser entendida como se estivesse de acordo com um plano simples, embora ninguém tenha planejado (Hayek, 1947, p.52). Aqui o autor introduz sistemas criados pelos homens que, segundo ele, são eficientes em transmitir informações importantes para certas tomadas de decisão. Um exemplo destes é o mecanismo de preços já comentado. Dessa maneira, a existência destes mecanismos facilita a aproximação de expectativas, o que orienta a ação dos agentes econômicos como se estivessem guiados por um plano preconcebido. Simon concorda com tentativa humana e, apesar de não citar o sistema de preços como exemplo, afirma que "sequioso por alcançar a racionalidade e restringido pelo limite de seus conhecimentos, os seres humanos desenvolveram alguns processos de trabalho que superam parcialmente essa dificuldade. Esses processos baseiam-se no pressuposto de que é possível isolar da realidade um problema que contenha apenas número limitado de variáveis e uma série limitada de conseqüências" (Simon, 1965, p.97).

Hayek nos oferece um exemplo de sistema de transferência de informações: o sistema de preços. Ele é um sistema de difusão de informação que tem sucesso, o qual só não é maior, porque não é compreendido neste seu sentido verdadeiro. O sistema de preços opera uma economia de conhecimento, transferindo apenas o que os indivíduos querem saber para agir. Ele é uma criação humana que facilita decisões econômicas, se bem que isto seja esquecido muitas vezes. O problema que pretende resolver é como a interação entre pessoas, cada uma possuindo apenas um pouco do conhecimento, pode gerar um estado de coisas no qual os preços correspondam aos custos e que poderia ser deliberado apenas por uma pessoa que possuísse o conhecimento combinado de todos os indivíduos. Algo nos indica que isto ocorra desde que a observação empírica de que os preços tendem a corresponder aos custos iniciou nossa ciência (Hayek, 1937, p.50), mas nós tratamos da hipótese por detrás, na qual todos conhecem tudo e assim esvazia-se qualquer solução real para o problema.

Simon, por sua vez, (1959, p. 270) menciona a teoria da decisão estatística que envolve o tamanho da amostra e sua eficiência e é um exemplo do tratamento que a economia tradicional dá ao tema da transferência de informações. Através dela é possível relacionar os diferentes custos dos esquemas alternativos e aplicar a noção clássica de que deve-se acumular informação até que um custo incremental de informação adicional seja igual ao lucro incremental que pode ser ganho com ele. No entanto, a noção de custo de informação é bastante imprecisa, assim como o vínculo de uma ação (e um ganho proveniente dela) com apenas determinadas informações e não outras. Este autor ainda comenta sobre a teoria da equipe, que pode ser tomada como um exemplo de quão complexas são as questões sobre a interação dos agentes no sistema econômico. Uma tomada de decisão é dividida por equipes que devem ou não transmitir as informações que conseguiram. As equipes dividem uma meta comum e a tomada de decisão é descentralizada e interdependente. Há um custo por transmitir informações a respeito da ação que a equipe está tomando e a respeito do meio em que a mesma se encontra. O problema, então, é descobrir a estratégia de comunicação ótima sob hipóteses determinadas de custo de comunicação e *payoff*. A teoria clássica não aponta respostas convincentes a tal pergunta, pois não trata do processo de escolha de quais informações devem ser transmitidas nem da determinação dos custos de transmissão.

Pode-se perceber que as teorias mantêm, num certo sentido, uma pintura clássica do homem como maximizador, mas procuram esclarecer consideráveis informações sobre

características do ator, e não meramente sobre seu meio. Também ao dar importância à interação humana o enfoque deixa de ser individualista e passa a ser social. Isto é, admite-se que o homem não pode ser compreendido sem que se envolva a dimensão das suas inter-relações.

Assim como Simon, Kerstenetzky argumenta que o individualismo de Hayek é um individualismo nominalista², significando que o indivíduo por ele é uma construção intelectual que faz sentido apenas em conexão com a sociedade. Claramente há a rejeição do individualismo essencialístico, isto é, alguma idéia de indivíduo como ele próprio contendo essências preexistentes. Assim, o homem em natureza e característica é determinado pela sua existência (ibid., p.234-5).

Implicações da incorporação de mudanças: instabilidade e expectativas

Hayek avalia o conceito de conhecimento pois dependendo de qual é adotado o estudo toma uma ou outra forma. Para o autor, conhecimento é mais abrangente que o conhecimento científico (teórico ou técnico). Refere-se ao que se deve conhecer de modo a estar apto a dizer algo sobre o processo na sociedade, é o conhecimento de possibilidades alternativas de ações das quais não se faz uso direto (Hayek, 1937, p.50). Conhecimento é mais que uma "habilidade" pois não se refere apenas àquele de que a pessoa faz uso. Além do conhecimento científico, inclui o conhecimento de circunstâncias particulares de espaço e tempo. São exemplos: saber colocar uma máquina em funcionamento; a habilidade de alguém poder ser melhor utilizado; estar consciente de que o estoque pode ser utilizado durante a interrupção da oferta. Todos estes são quase tão úteis como o conhecimento de uma nova alternativa técnica.

O mundo Hayekiano é impregnado de conhecimento de vários tipos: conjecturas, teorias, esquemas de interpretações são todos instrumentos e sondas com os quais as pessoas se relacionam no mundo que desconhecem. Este conhecimento é variado e pode ser dividido no que Hayek chama de conhecimento exploratório e normativo, respectivamente relacionados ao conhecimento particular para os atores apenas em virtude de suas "janelas" peculiares, e o conhecimento geral encapsulado nas mais abstratas regras de conduta. Este último é a parte mais desarticulada. (Kerstenetzky, 1998, p.235).

Para Hayek, o conhecimento científico é adotado como soma de todo o conhecimento por desprezo às mudanças e à significância e frequência das trocas. Isto traz implicações sérias para as decisões de planejamento e o papel do conhecimento. Simon e Hayek propõem uma análise dinâmica e não estática. Acrescentam à análise a instabilidade: o fato de que a agregação não representa um equilíbrio obrigatoriamente, por não significar compensação mútua de trocas randômicas ou uma "lei dos grandes números" (Hayek, 1945, p.524). O número de elementos com que se trabalha não é grande o bastante para produzir a estabilidade. E o contínuo fluxo de bens e serviços da economia é mantido por contínuos ajustamentos e por disposições realizadas diariamente.

² Nominalismo: doutrina segundo a qual as idéias gerais não existem, e os nomes que pretendem designá-las são meros sinais que se aplicam indistintamente a diversos indivíduos.

Ao incluir a mudança em seu mundo, os autores incorporam a expectativa dos agentes, pois estes não têm mais a certeza e enfrentam distúrbios endógenos inevitáveis. Neste sentido, Hayek novamente questiona a relação entre dados objetivos e subjetivos, e o fato de que quando o estudo torna-se temporal, um processo iniciado e planejado para ser de determinada maneira desde o início até seu fim só pode ser realizado de três maneiras: a) se houver um ditador onisciente; b) se as expectativas convergirem por uma aquisição de dados iguais para todos os indivíduos (o que significa ausência da subjetividade ou a admissão que dados objetivos e subjetivos correspondem) ou; c) se a informação for de tal forma imperfeitamente igual a todos que aquela que alterasse ações no decorrer do período não fosse utilizada pelos indivíduos. Apenas desta forma pode-se saber qual o resultado de um processo quando ele ainda está e seu início.

Segundo Simon (1959, p.269), o caminho clássico para incorporar expectativas à teoria econômica é assumir que os tomadores de decisão estimam a distribuição de probabilidade conjunta de futuros eventos. Eles podem então atuar maximizando os valores esperados de utilidade ou lucro. Mas este ponto de vista se torna incômodo quando perguntamos como que os tomadores de decisão realmente estimam essa distribuição de probabilidade, quando questionamos a premissa que é comumente aceita sem maiores explicações. É demonstrado que sob certas circunstâncias especiais a distribuição de probabilidade é utilizada como único parâmetro, mas há outras em que isto não ocorre. Assim, a observação empírica de algumas situações não justifica a generalização quanto à formação das expectativas de modo a poder prever o futuro. Desta maneira, apenas as informações sobre o meio e sobre os objetivos não são o bastante para se resolver o problema.

Simon (1959, p.262) novamente busca elementos da psicologia e afirma que pelo uso correlato de "renda psicológica" adotado pela psicologia, a noção de alcançar um retorno satisfatório pode ser transferida para dentro da utilidade maximizadora mas não em sentido operacional. Nós podemos verificar que o "lucro satisfatório" é um conceito mais significativo relacionado à noção psicológica de níveis de satisfação. Para a psicologia, o motivo de agir vem de metas e a ação termina quando as metas são satisfeitas. Contudo, as condições de satisfação de uma meta não são necessariamente fixas (como seriam se a maximização fosse utilizada), mas podem ser especificadas por um nível de aspiração que se ajusta para cima e para baixo com base na experiência. Utilizando esta teoria para os negócios pode-se dizer que as firmas talvez não busquem a maximização, mas a satisfação: uma fatia de mercado, um certo nível de lucros e vendas. Pode ser dito que isto não é importante para a teoria econômica. Porém evidências psicológicas sobre o comportamento do indivíduo mostram que as aspirações tendem a ajustar-se ao atingido. Assim, no longo prazo, o nível de aspiração e o máximo atingido estarão mais próximos.

Simon propõe modelos de *satisficing*. Eles são mais ricos que os modelos maximizadores porque envolvem não apenas o equilíbrio mas também como ele é alcançado. Dá informações quanto ao processo de tomada de decisões e não assume apenas premissas como corretas. Estudos psicológicos sobre a formação e troca do nível de aspiração suportam proposições do tipo que segue: a) quando uma performance cai pouco do nível de aspiração, uma pesquisa de comportamento é induzida de modo a buscar novas alternativas de ação; b) ao mesmo tempo, o nível de aspiração começa a ajustar-se para baixo até as metas alcançarem níveis que são na prática atingíveis e não aqueles teoricamente desejados no início; c) se os dois mecanismos citados operam tão

lentamente para adaptar aspirações às performances, comportamento emocional - apatia ou agressão, por exemplo terão um lugar no comportamento adaptativo racional (Simon, 1959, p.263). Este termo demonstra a grande alteração realizada por Simon no conceito de racionalidade. Diferentemente da racionalidade substantiva admite-se adaptação da ação e ajustamento de objetivos e, mesmo assim, assume o comportamento de racional. Este comportamento denominado de emocional também não poderia ser admitido num universo de racionalidade substantiva.

Simon menciona que existem trabalhos que têm tentado construir funções que são utilizadas para prever: a) o futuro como o presente, b) o futuro apresentando as mesmas trocas que ocorrem no presente, c) o futuro sendo alterado por uma média do que ocorreu no passado. Isto altera um pouco a afirmação de que o futuro é "dado", mas representa uma significativa extensão da teoria clássica porque o futuro continua sendo previsível e não apresenta instabilidade. Então, de certa maneira, o futuro continua sendo "dado". Ao invés disso, Simon incorpora à teoria os processos de aquisição do conhecimento sobre o meio. Fazendo isto, seríamos forçados a incluir em nosso modelo do homem econômico algumas de suas características como aprendizado, estimativa, pesquisa, organismo de processamento de informação (Simon, 1959, p.269). A questão é complexa e os dois autores concordam que há muito ainda para se estudar. Existem, por exemplo, e como demonstrou Savage, outras alternativas à maximização como a minimização do arrependimento. Aqui arrependimento significando a diferença entre a recompensa realmente obtida e a recompensa que poderia ser obtida com uma perfeita predição (in Simon, 1959, p. 267).

Até aqui falou-se do indivíduo que age guiado por sua visão de mundo, sua percepção, sua inferência. No entanto, Simon e Hayek apontam, cada um à sua maneira, características do homem que o aproximam da racionalidade tradicional, no sentido de apresentarem uma coerência e consistência. Assim, Hayek chama a atenção para mecanismos criados pelos homens que simplificam a transferência de informação e imprimem certa eficiência à interação do homem e Simon demonstra que há características humanas que tornam o ser humano em parte e sob determinadas condições um pouco previsível.

Simon trata de "papel social" como um conceito trabalhado pela psicologia que se refere a aspectos sociais que influenciam a ação das pessoas. Isto é, uma prescrição social de algumas, mas não todas, premissas que estão relacionadas ao comportamento das escolhas individuais. Em adição a estas ainda existirão premissas sobre o estado do meio baseadas diretamente na percepção pessoal, premissas representando crenças e conhecimentos e premissas idiossincráticas que caracterizam a personalidade. Com esta característica humana é possível acomodar elementos racionais na escolha, tanto enfatizados por economistas, e os elementos não racionais para os quais os psicólogos e sociólogos muitas vezes preferem chamar atenção (Simon, 1959, p.274). A questão de que o autor não trata, é de como reconhecer esta bagagem social e assim utilizá-la na tomada de decisões. Ou seja, como um indivíduo pode saber quando uma outra pessoa vai agir de acordo com a influência social e quando agirá de acordo com sua subjetividade individual. É possível também supor que esta seja uma razão da força da manutenção da teoria econômica tradicional. Com a facilidade de se utilizá-la e como se adapta a algumas circunstâncias (restritas, mas que ocorrem efetivamente) então tais situações são generalizadas e usadas como justificativa para as premissas da racionalidade tradicional. Em verdade Simon afirma que "pode-se dizer, aliás, que o

comportamento revela "segmentos" de racionalidade; que o comportamento exibe uma organização racional dentro de cada segmento; mas que tais segmentos não possuem conexões muito fortes entre si" (Simon, 1965, p.95). É interessante notar que Simon abre possibilidades para a compreensão da importância da história na vida do indivíduo e isto abre novas perspectivas para a compreensão do homem, rompendo com o enfoque fundamentalmente no indivíduo, ou seja, o individualismo e abre caminho para o estudo do homem e suas relações na sociedade. Deve-se adicionar que o autor dá importância a uma visão de homem econômico não individual, mas social pois carrega uma bagagem que não é apenas dele mas de toda a sociedade da qual ele é integrante. O homem seria um agente transformador, com sua subjetividade, mas também é caracterizado por uma bagagem de inércia que torna possível o estudo de relações causais devido a história passada. Assim, cada indivíduo tem características próprias que podem gerar instabilidade a uma inércia já existente.

Segundo Kerstenetzky (1998, p.234), Hayek introduz a noção germânica de *Verstehen*, a qual captura o aspecto dual das regras, objetivo e subjetivo. Assim, por um lado, existe a natureza *social* das regras, o fato que elas têm sido socialmente produzidas no tempo. Isso transfere a característica de condição de possibilidade de alguma ação, a qual é a mais evidente característica *objetiva* das regras Hayekianas (...). Por outro lado, estas regras são individualmente consumidas e existe sempre esta dimensão subjetiva (referindo-se a um tema em particular, um conjunto particular de experiências, uma janela peculiar para olhar a paisagem). Isto traz um elemento inovativo na dinâmica do consumo (destruição) das regras. Dessa maneira, o consumo das regras também é a produção delas. A autora chama a atenção para o fato de que este tratamento do consumo-produção de regras é importante para a compreensão dos fatos sociais em geral. Assim, como os objetos da atividade humana, Hayek analisa ferramentas, alimentos, medicina, armas, palavras, sentenças, comunicação e atos de produção. Estes são definidos não em termos de propriedade 'real' mas em termos de opiniões que as pessoas têm sobre eles.

Algumas Implicações dos microfundamentos-

Há diversas e importantes implicações dos microfundamentos apresentados para o estudo macroeconômico. Kerstenetzky (1998, p. 237-8) afirma que os trabalhos de Hayek possuem um caráter moralista que ela denomina de seu lado evolucionista, mas também uma característica epistemológica (o lado evolucionário) bastante relevante para a compreensão do comportamento do agente econômico. Justifica este ponto de vista demonstrando que Hayek era contrário a qualquer centralização do poder decisório de antemão e sua justificativa era de que os resultados das ações tomadas desta maneira seriam ruins (Kerstenetzky, 1998, p.236). Também Sachs (1992, p.10) chama a atenção para essa aversão hayekiana ao "planismo" declarada no trabalho de Hayek intitulado *La Route de la Servitude*, onde dizia que levava inexoravelmente ao totalitarismo. Hayek se torna contraditório ao afirmar isto, já que em sua análise epistemológica apresenta a premissa de que o homem não pode conhecer o resultado de suas ações antecipadamente. Assim, parece haver uma contradição em seu argumento de que a decisão centralizada leva a um resultado pior (Kerstenetzky, 1998, p.237). Uma justificativa de Hayek: "sendo o problema econômico da sociedade principalmente a rápida adaptação às trocas nas circunstâncias particulares de tempo e espaço, então as decisões devem ser tomadas por aqueles que têm estas circunstâncias como familiares, que conhecem diretamente a relevância das trocas e dos recursos imediatamente disponíveis para encontrá-los. Este problema não será resolvido por uma primeira comunicação de *todo* o conhecimento para um escritório central. O problema deve ser resolvido com descentralização porque só assim será assegurado o conhecimento das circunstâncias específicas de tempo e espaço" (Hayek, 1945, p.524). "O *'man on the spot'* não pode decidir somente com base em seu limitado mas sugerido conhecimento dos fatos de seu meio imediato (ibid., p.525-grifo do autor). Dessa forma, Hayek declara implicações de política macroeconômica a partir da admissão da descentralização d conhecimento também a decisão deve ser assim.

A noção de indivíduo hayekiano juntamente com a noção de "papel social" utilizada por Simon nos traz a importância da interação humana sob outro parâmetro: o da compreensão do homem apenas a partir da sociedade em que vive. Aqui foca mais intensamente a relação macro e microeconômica e a relevância do estudo das relações humanas a partir da interdisciplinaridade, a qual já é utilizada pelos autores com a interação de psicologia, sociologia, economia e a atenção apresentada à história do homem. Neste sentido, Kerstenetzky chama a atenção para a proximidade de elementos hayekianos com a relevância da história do indivíduo, que Simon também apresenta a partir da noção de bagagem social. Os evolucionistas incorporam à análise econômica o conceito de *path dependence* que resgata essa dimensão social do homem (Rizzello, p.100). Segundo a incorporação do *path dependence*, há caminhos de dependência gerados por força da influência que o passado exerce sobre o presente. Mas isto não ocorre de maneira determinística, ou seja, o passado definindo o futuro. Isto porque também há forças fortuitas que ocorrem por acaso no processo decisório e que vão influenciar o processo a partir de então (Arthur, 1994). Por fim, este texto chama a atenção para a capacidade explicativa que a interdisciplinaridade apresenta e que foi tentado realizar ao longo do texto.

Outro elemento interessante é sobre a regularidade do comportamento humano. A incorporação de uma "inércia" que faz com que o indivíduo aja de acordo com o que se espera dele, devido à influência social ou à adoção de um sistema como o de preços, está muita próxima do conceito de instituições proposto, entre outros, por Krasner (1989)(que denomina instituições como regimes internacionais, aplicando-os especificamente às relações internacionais). Segundo ele, regimes internacionais são um conjunto de princípios, normas, regras e procedimentos de tomada de decisão implícitos ou explícitos ao redor das quais as expectativas dos atores convergem (Krasner, 1989, p.1). Esta relação do comportamento individual com instituições é extremamente relevante e abre inúmeras possibilidades para expandir a compreensão do indivíduo. Esta proposta reafirma a necessidade de compreender o homem econômico como um ser social e reforça a necessidade de compreensão das relações humanas mais do que do homem individualmente.

BIBLIOGRAFIA

- ARTHUR, B. Positive feedbacks in the economy. In: *Increasing returns and path dependence in the Economy*, Ann Arbor, Michigan University Press, 1994, p. 1-12.
- HAYEK, F. A. von. Economics and Knowledge. **Economica**. p.33-54, fev.1937
- HAYEK, F. A. The use of knowledge in society. **American Economic Review**. vol. XXXV, nº4, p.519-530, set. 1945.
- KERSTENETZKY, Celia de Andrade Lessa. Hayek: the evolutionary and the evolutionist. In **Anais da XXVI Encontro Nacional de Economia**. vol. 1, p.231-242, 1998.
- KRASNER, Stephen D. (org.) **International Regimes**. 5ª edição, Cornell Paperbacks, 1989.
- RIZZELO, Salvatore. The Microfoundations of path dependency. In
- SACHS, Ignacy. Entre Polanyi e Von Hayek. **Revista de Economia Política**. vol. 12, nº2, p.10-17, abr-jun. 1992.
- SIMON, Herbert A. Theories of decision-making in economics and behavioral science. **The American Economic Review**. vol. XLIX, nº3, p. 253-280, jun. 1959.
- SIMON, Herbert A. **Comportamento Administrativo**. Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1965.